

***A CARTILHA COMO SUBSÍDIO DIDÁTICO
PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO
ENSINO MÉDIO***



***A comunidade quilombola de Queimadas em Crateús:
memórias, história e resistência.***

Crateús-Ceará

2021

ABERTURA

POESIA:

ÍNDIO – AFRO – BRANCO – DESCENDENTE

No navio viemos,
Kalunga a nus buscar,
Para construirmos um país
Onde não tínhamos lugar
Nossa escola foi o pelourinho, quando aqui chegamos.
A senzala nos aguardava, o engenho nos chamava,
Mas a liberdade nos espreitava,
Para os quilombos fomos marchando
Sem posses, sem laços, sem família
Raça impura, sem religião.
Esse foi o argumento do branco
Quando nos trouxeram num porão
Nossa religião, às escondidas sobreviveu
Golpes disfarçados, rodopios rasteiros
Num passo ritmado, na cadência da dança
Capoeira nasceu
Muxoxo Samba, Acarajé.
Palavras que permeiam o dia a dia.
Estamos na Comida, no folclore,
Na dança, no terreiro.

Não há medo do novo
Novos desafios se (re)erguerão,
Mas há mais de 100 anos
Foi abolida a escravidão?!
Uma lei para ensinar nossa história
Não apagar da memória, assim colocaram
Espaço na Universidade

Reservas de "generosidade"
Mas nosso saber está difundido
Querer... só a dignidade
Desde o navio negreiro
Muitos pretos novos ainda hão de morrer,
Antes nos portos, e senzalas, agora nas favelas,
Em muitas ruas, becos,
Avenidas e vielas
Por quem olha do centro
Me chama de Periferia,
Mas Periferia pode ser você
Tudo depende do olhar de quem vê.
Negra cor, cabelo pixaim
Sorriso de alegria tão igual a mim.
África-mãe, Zumbi meu pai
Criaram um filho que crescendo vai
Vemos a vitória de um povo,
Povo que nasceu vencedor.
Sangue índio – afro – branco descendente
Cafuso, mulato, confuso, brava gente,
Brasileiro por amor.

Autora: Professora Valéria Lourenço.
Professora do Instituto Federal do Ceará - Crateús

Este poema recebeu uma Menção Honrosa no Concurso de Poesias da Secretaria de Cultura de Duque de Caxias no Rio de Janeiro em 22-11-2011. O tema do Concurso era: O negro e a Sociedade, e o homenageado foi o poeta Solano Trindade.

FICHA TÉCNICA

AUTORA: Francisca Maria Bezerra da Silva

ORIENTAÇÃO: Prof.^a Dr.^a Monalisa Soares Lopes

DIGITAÇÃO E FORMATAÇÃO: Fabrícia de Sousa Rodrigues

REF. GRÁFICA: Fernanda Jéssica Bezerra de Sousa

COORD. DO PROFSOCIO NACIONAL: Prof.^a Dr.^a Danielle Nillin Gonçalves

COORD. DO PROFSOCIO NA UFC: Prof. Dr. Alexandre Jeronimo Correia Lima

APOIO: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DIAGRAMAÇÃO: Fernanda Jéssica Bezerra de Sousa

CAPA: Michele Lourenço (Comunidade quilombola de queimadas)

ABERTURA: Poesia: Índio – afro – branco descendente.

AUTORA: Prof.^a Ms. Valéria Lourenço (IFCE – Campus Crateús – Ceará)

APRESENTAÇÃO

O advento da modernidade criou as condições para o desenvolvimento das Ciências Sociais na medida em que tornou necessária a explicação dos fenômenos sociais com base na análise científica. A alfabetização científica dos jovens alunos do Ensino Médio, nos saberes das Ciências Sociais é, portanto, característica de uma sociedade moderna, que conhece seus problemas e reconhece o lado negativo dos processos sociais que atentam contra a liberdade de expressão e o bem-estar da população. Mais ainda, que sabe que a ciência é uma das ferramentas mais poderosas para criar os meios de superação de processos responsáveis pela pobreza, pela segregação e pela espoliação das pessoas.

É nesse contexto que destacamos a Sociologia como uma ciência privilegiada na produção de diagnósticos dos problemas sociais e que, portanto, pode oferecer recursos e sugestões para que sejam superados. Nesta cartilha, são discutidos temas clássicos da Sociologia, os quais possuem uma relação direta com o binômio indivíduo – sociedade, dentre os quais cabe destacar: relações de poder, políticas públicas, trabalho, desigualdade social, racismo, processos identitários, raça, etnicidade, memória coletiva, estratificação social, luta pela terra, educação no campo, além de uma abordagem das leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Todos os temas apresentados mostram a vitalidade e a importância da pesquisa sociológica como uma ferramenta capaz de despertar, nos estudantes do Ensino Médio e nos docentes, a curiosidade sobre os meios efetivos para se conhecer um pouco mais dos problemas e demandas da sociedade e com isso produzir possíveis ações que possam transformá-la.

A proposta da cartilha não é substituir o livro didático ou mesmo substituir outras referências que os docentes tenham da Sociologia como disciplina científica e/ou escolar, mas tem a intenção de ser um subsídio didático extra, que possa estimular a pesquisa, a discussão, o debate, o diálogo, o conhecimento e as reflexões acerca dos temas apresentados. Ao incorporarem na dinâmica da sala de aula materiais didáticos diversos, os docentes estarão oferecendo aos seus alunos muitos caminhos por meio dos quais os estudantes poderão explorar diversas nuances dos conteúdos de Sociologia, tornando-os capazes de desenvolver a autonomia intelectual e o protagonismo juvenil nas situações de sua vida social.

Ao longo das seções, os docentes e estudantes irão se deparar com textos, depoimentos de personagens reais, sugestão de atividades e planos de aula, assim como de filmes e documentários e livros que podem ampliar o conhecimento de ambos e servir como referência para elucidar os problemas sociais abordados em cada seção.

Os temas e conteúdos abordados nesta cartilha fazem parte de uma pesquisa realizada no Quilombo de Queimadas, localizada a 20km da sede urbana da Cidade de Crateús, no Estado do Ceará. A pesquisa foi realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, de forma presencial com a gravação feita em celular e os depoimentos foram colhidos no formato de questionário, com cinco questões abertas, nos quais os remanescentes de quilombolas puderam responder de forma livre e até dissertar sobre os temas que consideraram mais relevantes.

A segunda parte da pesquisa foi feita em novembro de 2020, através da coleta de depoimento e escrita de textos sobre memória individual e coletiva, questões identitárias, conflitos pela terra, sentimento de pertença, liderança, liderança feminina e luta pela causa quilombola. Todos os entrevistados assinaram o termo de autorização de falas e imagens, sendo que os mais idosos delegaram aos seus netos a assinatura desses termos.

Porém, foi perceptível o desejo dos entrevistados de falar, de expressar suas opiniões, visões de mundo, suas histórias e memórias. Foi unânime entre os interlocutores o desejo de ver suas impressões acerca da luta e da resistência quilombola, de forma escrita, especialmente, sabendo que serviria de material didático para subsidiar as aulas de Sociologia para os jovens que estudam na escola José de Araújo Veras, localizada nas terras quilombolas, onde as três turmas de Ensino Médio funcionam do turno noturno. Os alunos da comunidade quilombola têm suas matrículas vinculadas à uma extensão de matrícula do Colégio Estadual Regina Pacis, localizada na cidade de Crateús.

A ideia de vincular a causa quilombola à pesquisa científica em sociologia surgiu como uma das exigências do Mestrado Profissional em Ensino de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO, ofertado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, através da sua Pró- Reitoria de Pós-Graduação. A orientação desse estudo, em todas as suas nuances, a teoria, a prática, a pesquisa, os textos e a organização acadêmica foi da Prof^a Dr^a em Sociologia Monalisa Soares Lopes, que com sua experiência e docência nas Ciências Sociais, nos ajudou a percorrer os caminhos e superar os obstáculos da pesquisa, tornando-a acessível aos docentes e alunos do Ensino Médio, na disciplina de Sociologia.

O apoio financeiro à pesquisa e à produção da cartilha, como digitação, arte gráfica, foi financiada, através da bolsa de estudos da pesquisadora, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que muito tem feito pela pesquisa e pela educação em todos os níveis ao longo da sua existência.

Sendo a Sociologia uma disciplina que terá o espaço destinado ao trabalho com as temáticas aqui abordadas, destacamos ainda que o docente pode traçar a partir daqui um roteiro que melhor se adeque aos seus alunos, à sua realidade escolar, para melhor desenvolver suas aulas, quando os conteúdos a serem trabalhados tiverem relação com os temas aqui tratados, procurando sempre articular as dimensões explicativa, discursiva e empírica. Dado que todos os textos da cartilha partem em sua maioria de pesquisa empírica, de dados reais, podem funcionar como incremento às discussões provocadas pela abordagem trazida pelo livro didático.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, “todas as escolas precisam garantir e estabelecer uma relação entre educação e a cidadania, abordando temas como: meio ambiente, saúde, ética, sexualidade, pluralidade cultural e etnia [...]” (BRASIL, 1996). Assim, a cidadania está ligada diretamente com o estudo das Ciências, sejam elas naturais, biológicas, humanas ou sociais. Afinal, um conhecimento mais amplo sobre vida, sociedade, indivíduo, demandas sociais de maneira geral permite aos nossos alunos um maior conhecimento do seu espaço local e social, possibilitando ao mesmo, ter um posicionamento crítico, reflexivo sobre os problemas sociais e diante disso compreender as mudanças necessárias e urgentes para o exercício da cidadania.

INDICE

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	A Origem do Povoado de Queimadas.....	10
	• Roteiro para confecção da aula de sociologia.....	13
	• Sugestão de Atividades / Discussão em grupo	14
	• Sugestão de documentários e filmes sobre a temática	14
	• Sugestão de livros para ampliar os conhecimentos.....	15
2	MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: O LEGADO DO POVO QUILOMBOLA DE QUEIMADAS PARA AS GERAÇÕES VINDOURAS.....	16
2.1	Do legado aos tempos atuais: Nossa luta em defesa do povo quilombola de Queimadas.....	18
	• Roteiro para confecção da aula de sociologia.....	21
	• Sugestão de Atividades / Discussão em grupo	21
	• Sugestão de documentários e filmes sobre a temática	22
	• Sugestão de livros para ampliar os conhecimentos.....	22
3	A RESISTÊNCIA E A LIDERANÇA DAS MULHERES NEGRAS NO QUILOMBO DE QUEIMADAS EM CRATEÚS – CEARÁ.....	23
	• Roteiro para Confecção da Aula de Sociologia	26
	• Sugestão de atividades / Exposição das citações e depoimentos.....	27
	• Sugestão de Documentários e Filmes sobre a temática.....	27
	• Sugestão de Livros para Ampliar os Conhecimentos.....	28
4	A ECONOMIA SERTANEJA TRADICIONAL NO QUILOMBO DE QUEIMADAS.....	29
	• Roteiro para Confecção da Aula de Sociologia	32
	• Sugestão de atividades /Aula expositiva e entrevista com as lideranças políticas do Quilombo de Queimadas	33
	• Sugestão de Documentários e Filmes sobre a temática.....	33
	• Sugestão de Livros para Ampliar os Conhecimentos.....	34
5	AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS COM O TERRITÓRIO: OS NEGROS DE QUEIMADAS E A ABERTURA PARA OUTROS AGRUPAMENTOS.....	35
	• Roteiro para Confecção da Aula de Sociologia	38

• Sugestão de Atividades.....	39
• Sugestão de Documentários e Filmes sobre a temática.....	39
• Sugestão de Livros para Ampliar os Conhecimentos.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Esta cartilha tem o propósito de representar uma sugestão didática para os professores do Ensino Médio, na Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, especialmente, na disciplina escolar de Sociologia. Destacando temáticas como: população quilombola, etnia, raça, desigualdades raciais, memória, histórias de vida, resistência negra, dentre outros temas que contribuirão para a reflexão e a aprendizagem de comportamentos e ações antirracistas na escola.

Tendo o Quilombo de Queimadas como experiência referencial dessa cartilha, a nossa proposta é de que as aulas de Sociologia possam incorporar discussões sobre memória individual e coletiva, trabalho, luta pela terra, cultura e conhecimento sobre problemas e questões sociais – produtos de um espaço geográfico, vivenciados por uma comunidade que luta para afirmação de sua identidade.

1.1 Origem do Povoado de Queimadas

Queimadas é um distrito que está localizado na micro-região dos sertões de Crateús, no Estado do Ceará, distante aproximadamente 25 km de Crateús, a sede do município. O processo de ocupação da microrregião dos sertões de Crateús, e localmente de Queimadas, seguiu os mesmos padrões de colonização do Nordeste do Brasil.

Na memória dos habitantes mais velhos de Queimadas, o início da ocupação do espaço geográfico se deu devido às atividades socioeconômicas estarem fundamentadas na pecuária e nas culturas agrícolas da mandioca e da cana-de-açúcar, os únicos criadores de gado eram os proprietários de terras.

Nas palavras de Vó Munda Lourenço, em entrevista realizada em 8 de janeiro, ela destacou:

Aqui tinha duas famílias muito ricas: os Salviano e os Lopes. Nossa família, os Lourenço trabalhavam para os Lopes. Uns no campo, com mandioca e cana-de-açúcar e outros na casa deles. Aí seu Zé Lopes quando adoeceu, minha mãe era quem cuidava dele. Por isso ele deixou para os Lourenço um pedaço de sua terra, que vinha ali do Riacho dos Gados até aqui em Queimadas.

Na época, Queimadas alcançou notoriedade na atividade econômica, pois em muitas fazendas, no entorno da localidade, há resquícios de engenhos, sendo a região uma das maiores produtoras de mandioca, com diversas casas de farinha, que produzi-

am o sustento de várias famílias da região. Nos tempos do povoamento, Queimadas era uma localidade que fazia fronteira com as seguintes localidades: Riacho dos Gados, Mosquito, Marinho, Salgado, Outro Lado e Buritizinho. Vó Munda destaca que a parte que ficou para sua família, pela carta de doação, foi a localizada em Queimadas, pois era considerada a terra que menos servia para plantar cana-de-açúcar.

Essas localidades, à medida que os herdeiros das famílias Lopes e Salviano mantiveram as fazendas com a Casa Grande e os Engenhos, foram ganhando importância econômica, conforme o volume de produtos adquiridos na produção agrícola na terra. Por essa razão as localidades no entorno de Queimadas são consideradas prósperas, tanto no que tange o cultivo da cana-de-açúcar, quanto da mandioca e de frutas para o consumo interno da comunidade.

Queimadas está localizada próxima à CE 469 que liga Crateús ao Piauí, por isso foi uma localidade se desenvolveu bastante. Foi ali que foram erguidas a igreja, a bo-dega para comprar as mercadorias de consumo dos trabalhadores, pois era onde as pessoas que iriam à Crateús ou ao Piauí esperavam os transportes.

A origem do nome Queimadas tem conotação religiosa, segundo Vó Munda:

Antes de ser construída a igreja, o pároco de Crateús, mandou erguer uma cruz grande de madeira bem grossa, para indicar que ali era um lugar santo. Um certo dia, a cruz amanheceu queimada, só a cinza. Aí a comunidade da beira da estrada, colocou uns tijolos, rodeando as cinzas para saber onde a igreja deveria ser erguida.

No processo histórico de ocupação e delimitação das terras Crateús, há alusão à Queimadas, quando da afirmação que uma mulher recebeu uma extensa faixa de terra, provavelmente por serviços prestados à Coroa que ia de Queimadas até o Piauí. No ato da posse, onde atualmente se situa o distrito de Poti (distrito que atualmente faz fronteira com o estado do Piauí), ela trazia consigo 14 escravos (MARTIM & SALES, 1995, p. 242). Cabe destacar que no quadro geral da população cearense, Funes (2000, p. 104) afirma que “no início do século XIX, a população cearense negra e parda cativa somava 12.254, correspondendo a 15,8% da população, que somava no total 77.375 habitantes”.

Os referenciais cronológicos memoriais acerca da data de fundação de Queimadas não são precisos, no entanto, as pessoas que estão numa faixa etária entre 80 e 100 anos narram que quando eram crianças a comunidade tinha entre 3 a 6 casas. Segundo a cronologia pela via da memória, o processo de povoamento de Queimadas se

iniciou cerca de 100 anos atrás, por volta de 1919 – 1920, quando o proprietário de terras da família Lopes permitiu que esta localidade passasse a ser um distrito de Crateús.

Com a morte de José Lopes, sua esposa distribuiu as terras para os 12 filhos do casal, que passavam pelas localidades de Mosquito, Riacho dos Gados, Queimadas, Marinho, Salgado e Buritizinho. Essas fazendas faziam fronteira com as terras da família Salviano, outro grande proprietário de terras dessa região, que chegava até o Estado do Piauí. O casal Joaquim Lourenço Gomes da Paz e Raimunda Costa saiu da casa dos patrões e foram morar em Queimadas, numa casa de taipa, onde começaram suas vidas como pequenos agricultores de mandioca e criando galinhas.

Prius (1992, p. 186) ao discorrer sobre o teor cronológico das narrativas orais, afirma que “com respeito à cronologia, a partir da análise interna das tradições orais formais podem produzir uma história sequenciada, mas não necessariamente com uma datação rigorosa”.

A forte referência memorial que confere antiguidade ao povoado de Queimadas está centrada nas casas da Família Lopes, a casa grande. Da antiga casa pouco restou. No entanto, ao ser evocado este período, os habitantes de Queimadas descrevem a grande área dedicada à construção da casa.

Vó Munda destaca em sua fala:

Minha mãe contava que a casa era enorme. Eram seis que cuidava da arrumação da casa, da limpeza e da comida. Eles dormiam na casa de farinha um lado era dos homens e outro das mulheres. Mas todos trabalhavam para o patrão na casa grande. Pegava água no açude e até pescava.

O trabalho de escravos mobilizado para cuidar dessas casas de seus patrões, se configura no depoimento de Dona Raimunda ou “Vó Munda”, como a chamam no Quilombo. Esse período materializa e demarca a cronologia que indica um “tempo da casa grande”. Vó Munda lembrou em sua fala, trêmula e rouca, que este período em que sua mãe viveu era do tempo de D. Pedro II, destacando que a mesma, Gonçalves Costa, contava para ela e seus irmãos, que vivia na casa de farinha e que sempre ajudava juntamente com outros negros no trabalho na casa grande da família Lopes.

Refletir e falar sobre a forma como sua família era tratada e como sua origem se fundou neste local, nos dá a dimensão da significância do relato dessa senhora de 101 anos de idade, completados em dezembro de 2019, sobre as lutas quilombolas vivenciadas nas histórias de resistência à escravidão. É possível perceber os resquícios de casas de taipas e algumas de alvenaria, onde moravam os “chefes da negrada”, como Vó Munda

se refere aos trabalhadores livres da fazenda dos Lopes: “Minha mãe contava que eles eram em três, andavam se arranhando no meio do mato, reparando tudo o que os negros faziam. A ocupação deles era ser chefes da negrada, na casa de engenho e no meio do mato”.

Hoje é possível perceber o temor de todos no Quilombo em relação à possibilidade de perder o pedaço de chão que lhes foi deixado como doação, pelos patrões, em nome dos serviços prestados. Os descendentes dos patrões perceberam a importância econômica dessa terra pelo grande roçado de mandioca que os quilombolas plantam, colhem e produzem. E isso faz com que a luta seja incessante nesse quilombo. Por isso a preocupação em relação a permanecer na terra e incentivar a todos, jovens e adultos, que não desocupem suas casas, construídas no local onde seus antepassados foram escravos.

Roteiro para confecção da aula de sociologia

- **Objetivo da Aula:** Promover uma discussão aprofundada sobre os conceitos de território e espaço social fortalecendo as conexões com a disciplina de Geografia no sentido de refletir sobre educação quilombola na comunidade.
- **Tempo Sugerido:** 2 aulas de 50 minutos cada.
- **Tipo de Atividade:** expositiva e discussão em grupo.
- **Espaço/Formação da Sala:** sala de aula, auditório ou locais onde seja possível dispor cadeiras em círculos.
- **Materiais Sugeridos:** quadro para anotações pertinentes às discussões em grupo sobre origem, lugar e pertencimento, caderno, caneta, pincel de quadro, giz.
- **Metodologia:** este é um tema expositivo, de discussão, cujos objetivos são apresentar a todos a origem e a formação da comunidade quilombola de Queimadas em Crateús – Ceará.
- **Avaliação:** perceber a clareza das discussões em grupo. Pode receber as considerações dos grupos por escrito para os alunos perceberem a importância dessa temática.

Sugestão de atividades / Discussão em grupo

Ao finalizar a introdução, debater com os alunos a importância do espaço geográfico e social para a permanência dos remanescentes de Quilombo na terra.

Aplicar o questionário abaixo e pedir em seguida para os alunos apresentarem suas respostas na sala de aula, uns para os outros.

- 1- Como você entende o que é ser Quilombola? Que aspectos compõem essa identidade?
- 2- Após conhecer a história sobre o Quilombo de Queimadas, como você reflete sobre a importância da terra, do território, para os remanescentes Quilombolas?
- 3- Qual a relação que você percebe entre a luta quilombola e a luta contra o Racismo e a discriminação racial?
- 4- Considerando o passado de escravidão, como você percebe a dívida histórica da sociedade brasileira com o povo negro? Como as políticas afirmativas para os quilombolas se inserem nesse contexto? Justifique sua resposta.

Sugestão de documentário e filmes sobre a temática

- **Documentário: O Quilombo de Queimadas.** Programa Sala de Notícias – TV Cultura, dezembro de 2008, a Superintendência do INCRA – Instituto Nacional de Reforma Agrária, reconheceu a Comunidade de Queimadas como Comunidade Quilombola. Disponível em: <https://youtu.be/IYFKZjSUKYU>
- **Filme: Todos os Mortos (Brasil - 2020).** Com um olhar recente sobre o passado, o filme Todos os Mortos viaja para 1899, apenas onze anos após a abolição da escravidão. O longa coloca em perspectiva a vida de dois opostos ao narrar a vida da família de ex-escravos (Nascimento), e da família aristocrática (Soares), que está à beira da ruína. A proposta é analisar quais foram as mudanças a partir do fim da escravidão e o início da República no Brasil. Segundo os diretores, esse era um momento importante em que a estrutura social poderia ter sido modificada. Disponível na Netflix.

Sugestão de livros para ampliar os conhecimentos

- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certidão de Auto – Reconhecimento de Remanescentes da Comunidade do Quilombo Queimadas nº 6 de março de 2004**, publicado no Diário Oficial da União nº 43, de 04 de março de 2004, Seção I, folhas 07.
- FUNES, Eurípedes Antônio (1992). Negros no Ceará. In: Souza, Simone de (Org.) **Uma Nova História do Ceará**. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza págs: 103 a 132. 2000.
- MARTIM, Aurineide Carvalho. SALES, Maria Ivane. **Resgate Histórico: de Piranhas à Crateús**. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 1995.

2 MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA: O LEGADO DO POVO QUILOMBOLA DE QUEIMADAS PARA AS GERAÇÕES VINDOURAS.

O tempo é como um fio que articula as experiências de uns e sensibiliza e conscientiza outros. Sociologicamente, a partir dessa categoria, tempo, queremos destacar a importância da memória como elemento central para produção de sentidos e significados que contribuem para a vida daqueles que hoje são adultos ou crianças. Memória como uma experiência, vivenciada e saboreada por todos aqueles que veem nos mais velhos, a imagem de quem já viveu muitas histórias, e que ao mesmo tempo, sobreviveu a várias lutas para permanecer em um determinado espaço geográfico, convivendo com uma determinada sociedade e sobrevivendo a lutas e batalhas em busca de reconhecimento.

Aqui, a vivência com remanescentes de Quilombolas se constitui em uma luta aberta pela reivindicação da terra, sua ocupação, a partir da propriedade coletiva e da organização política da comunidade, que tem na terra e pela terra as condições de vida necessárias à sua sobrevivência e a de seus descendentes.

A pesquisa que encontramos neste trabalho se debruça sobre a valorização da memória dos habitantes mais velhos do Quilombo de Queimadas em Crateús – Ceará, considerando que essas memórias, individuais ou coletivas, fazem parte de um evento fundador da sociedade quilombola e seus remanescentes, tendo como base o tempo passado, que se desdobra desde a sua ocupação até os dias atuais, e o legado desses velhos para as gerações atuais e as gerações vindouras, que com certeza, terão como base, as experiências dos mais velhos para com estes aprender a conviver na terra de forma coletiva.

A escritora e psicóloga social, Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade – Lembranças de velhos*, escrito em 1998 destaca que “reconduzindo a memória à dimensão de um trabalho sobre o tempo e no tempo, dando ao trabalho da velhice uma dimensão própria e desdobrando uma triste memória – trabalho – velhice, você aponta para uma nova possibilidade de relação com o velho...” (p. 22). E esse é um dos objetivos traçados aqui: a partir das memórias dos velhos, para resgatar através do fator tempo e na produção das lembranças um trabalho capaz de articular passado e presente como forma de falar sobre a importância dos quilombolas e de sua cultura, sua luta para vencer

os horrores do período colonial brasileiro – repleto de ideias negativas a respeito do papel dos negros em nossa sociedade.

Através desse mergulho na memória, é possível conhecermos a luta do povo negro contra a escravidão, contra os horrores cometidos pelos fazendeiros do Brasil colonial, quando empunhavam seus chicotes para açoitar e mutilar os negros para que estes produzissem além das suas condições físicas.

Ao longo das entrevistas realizadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, foi possível percebermos a dor sentida pelos mais velhos do quilombo, quando se remetem às histórias de seus antepassados. O sentimento de nada poder fazer contra a escravidão, a impotência sentida diante dos maus tratos, a forma como os negros eram vistos, seus sentimentos indefesos vêm à tona quando indagamos nas entrevistas a forma como a terra foi conseguida, como foi demarcada e os conflitos com outros fazendeiros vizinhos. Estes são aspectos que embargam a voz dos antigos moradores do quilombo de Queimadas.

Todos esses relatos compõem um repertório de experiências vivenciadas através de uma luta contínua, contra a discriminação racial, o racismo estrutural, ainda arraigado por partes de muitas pessoas que insistem em permanecer com atitudes preconceituosas contra os negros e o movimento quilombola até os dias atuais em nosso país.

Falamos de memória, utilizando a categoria tempo, para relatar, os vários momentos históricos pelos quais passou a comunidade, desde 1896, quando a terra foi doada às famílias Lourenço e Costa, e ali passaram a sobreviver lutando por reconhecimento para si e seus descendentes até os dias atuais.

Na ida ao Quilombo, conversamos e dialogamos informalmente com os moradores mais velhos. Algumas narrativas estão transcritas ao longo desta cartilha. Essas falas relatam as problemáticas vivenciadas pelos mais velhos e pela população adulta, bem como as suas preocupações com os jovens e crianças que vivem na comunidade. Quando ouvíamos as vozes percebíamos as marcas da idade, do choro ou do riso, marcando as narrativas e as tornando tão reais quanto as que já vimos nos livros de história do Brasil Colonial.

2.1 Do legado aos tempos atuais: nossa luta em defesa do povo quilombola de Queimadas.

Nesse item do nosso trabalho propomos apresentar os relatos dos entrevistados com vistas a registrar a história marcada pela grandeza das lembranças do povo quilombola, seus ensinamentos e saberes que contribuem para inúmeras reflexões que a Sociologia como disciplina escolar pode oferecer.

Depoimento 1

“Nós somos descendentes das famílias Lourenço e dos Costas. Nossa avó Raimunda Costa era uma nêga veia, trabalhadeira e devota de Nossa Senhora. Meus avós desenvolveram essa terra seca, aqui lutaram, alguns morreram, mas nós fomos fortes, não arredamos o pé.”

Seu Leonardo Costa, 72 anos. Entrevista cedida em fevereiro de 2020. Relato Oral Transcrito.

Depoimento 2

“Olhe, ninguém gosta de negro. Eu penso assim, nossa história começou lá no tempo da escravidão. Não era pra nós nem está vivo. O sofrimento era grande. Mas nós somos resistentes. Estamos aqui contando a história. E dizendo que não é pra desistir. Nossa comunidade não se cala. Quero dizer para os filhos e para os netos, que aqui não mora só negro. Quem chega, se quiser ficar, a gente deixa.”

Dona Gorete Lourenço, 78 anos. Entrevista cedida em fevereiro de 2020. Relato Oral Transcrito

Depoimento 3

“Aqui em Queimadas é muito forte o laço familiar. Os Lourenço e os Costas são a origem do povoado, ou seja, da comunidade. Mas não é só isso, os grupos que não possuem o mesmo laço familiar, vão chegando e vão ficando. Tem o sentimento de pertença. Pra nós, o que importa é que as pessoas queiram trabalhar pelo bem da comunidade. Não há obrigação de ficar, apenas de chegar, somar, trabalhar com a gente nos ofícios da comunidade.”

Michelle Lourenço, 36 anos. Entrevista cedida em fevereiro de 2020. Escrita de Texto.

Depoimento 4

“Nós aqui das Queimadas, vivemos numa luta muito dura, contra os fazendeiros da região de Buritizinho, Filomena, Salgado. Porque eles querem tirar nossa terra, nosso sustento. Mas eles não vão conseguir não, nossa luta é constante, não essa, até o dia que a gente morrer, mas eu quero morrer na terra. Luta pra deixar para os filhos e para os netos, o que eu passei a vida pra conseguir.”

Dona Toinha, 62 anos. Entrevista cedida em fevereiro de 2020. Texto Escrito.

Depoimento 5

“Eu não tenho vontade de sair daqui não. Vou terminar o Ensino Médio, ficar por aqui, trabalhar na terra, cuidar daquilo que os meus antepassados lutaram tanto pra conseguir. Sei que de vez em quando, temos que ir pra justiça. Já estamos acostumados. Os proprietários sempre querendo tomar pra engrandecer suas terras, um pedaço da nossa terra. Mas eu já vejo de muito tempo como se faz, pra se defender.”

Thiago, 25 anos. Entrevista cedida em fevereiro de 2020. Texto Escrito pelo Entrevistado.

Depoimento 6

“Olhe, aqui nunca foi fácil. Sempre somos mal vistos pela nossa vida de negro. Chamam a gente de tudo, até de ladrão, por que a gente não deixa nosso chão abandonado e vai trabalhar pra eles, os fazendeiro da região. Mas nós resistimos. Eu sempre digo para os meus filhos e parentes, que tem que resistir. Nós não serve pra nada mas serve pra trabalhar pra eles.”

Seu Vicente, 62 anos. Texto escrito pelo entrevistado em fevereiro de 2020.

Depoimento 7

“Desde que nossos pais morreram, que nós luta para manter a terra, o grupo unido. Mas nós não queremos nada de ninguém, só viver em paz. Ter nossos legumes, nossa galinha, se orgulhar de nunca ter vendido nosso chão. Nossos pais são enterrados aqui. Eu também quero ser enterrado aqui. Junto do meu povo antigo.”

Seu Daniel Costa, 81 anos. Texto transcrito de um relato oral. Entrevista cedida em fevereiro de 2020.

Depoimento 8

“Nosso jeito de viver, incomoda o povo aqui das redondezas. Pois a gente cria, produz o milho, o feijão, vive do nosso trabalho, mas tem sempre gente que se incomoda com a negrada. Tudo ruim quem aparece, foram os negos das Queimadas que fizeram. A gente se cansa de tanta coisa que inventam da gente. Por que a gente sabe da nossa consciência. Só queremos levar adiante nossa cultura e proteger nosso povo.”

Mikaele Lourenço, 28 anos. Texto escrito. Entrevista cedida em fevereiro de 2020.

Depoimento 9

“Em queimadas, a terra é de quem nela produz e quer viver em comunidade. Às vezes temos vontade de desistir com tantas dificuldades. Mas sabemos que em nome das crianças, dos adolescentes, não podemos fazer isso. A terra é o nosso maior bem. Nossa morada. A gente deve esfriar a cabeça e tocar a vida pra frente.”

Dona Marisa, 52 anos. Entrevista cedida em fevereiro de 2020.

Depoimento 10

“Eu acredito que nós não podemos acreditar em tudo que o povo diz que vai fazer com a gente. Aqui é nosso chão. Meus pais, tios, todos viveram aqui. Hoje, eu vivo com minha família. Planto, colho, crio meus filhos. Vivo do que planto e da minha aposentadoria. Se quiserem tomar o que é nosso, vamos lutar. Nesse chão, tem luta, tem sangue e suor dos negos das Queimadas. Não vamos deixar ninguém tirar nossa terra.”

Dona Maria do Carmo, 78 anos. Entrevista concedida em fevereiro de 2020.

Conforme Santos (2003, p.13) historicamente, o negro foi visto como indivíduo desvinculado de uma unidade familiar. Sua história “começa” com a escravidão e nela se “encerra”. Contrariando essa “história”, os Lourenço e os Costa têm na pertença, a vivência familiar, o ponto de origem e de unidade da comunidade. Os laços familiares instituem-na e marcam fortemente sua forma de viver, de cultivar, somando mais pessoas ao sentimento de pertença que marca o povo de Queimadas.

No passado, foi determinante o casamento intra-familiar, tanto que se percebem os nomes Lourenço e Costa em quase todos os moradores remanescentes. Contudo, aqueles que, por identidade comum ou por sentimento de pertença, foram chegando à

comunidade se uniram às famílias dos troncos iniciais, e foram incorporados pelo grau de participação na comunidade, estabelecendo-se assim um parentesco adquirido pelas suas relações vivenciais pautadas pelo respeito à maneira de ser e viver dessa comunidade quilombola.

Roteiro para confecção da aula de sociologia

- **Objetivo da Aula:** destacar com os estudantes a importância das narrativas orais e escritas como forma de manter viva entre os membros da comunidade a sua memória, sua identidade, sua luta e sua história.
- **Tempo Sugerido:** 2 aulas de 50 minutos cada. Uma para exposição e outra para apresentação dos grupos.
- **Tipo de Atividade:** expositiva e discussão em grupos. Espaço da sala de aula, auditório, ou outros locais da escola onde seja possível dispor cadeiras e expor painéis, cartazes, etc.
- **Materiais Sugeridos:** quadro branco ou giz, pincel de quadro, cadernos, canetas, papel ofício, giz.
- **Metodologia:** essa temática sugere uma aula introdutória de exposição, com distribuição dos depoimentos nos grupos para serem analisados, comentados e apresentados de modo que todos tenham a oportunidade de ouvir uns aos outros, promovendo o conhecimento com equidade.
- **Avaliação:** deve ser feita com base na participação dos alunos no debate, em suas reflexões sobre as narrativas estudadas.

Sugestão de atividades / Discussão em grupo

Após a aula expositiva, com recortes desse texto ou dos depoimentos dos entrevistados, pode-se debater com os alunos as formas de permanência no lugar, suas narrativas, os estereótipos que os donos de terras no entorno de Queimadas têm dos moradores da comunidade.

Distribuir a turma em grupos pequenos para debaterem os depoimentos aqui destacados, para que possam apresentar suas reflexões e abrirem o debate sobre as narrativas orais transcritas e os textos escritos pelas pessoas da comunidade.

O debate deve ser orientando por duas questões:

- 1- Que pontos você considera relevantes nos depoimentos analisados?
- 2- Qual a importância da memória, da oralidade, dos relatos e das histórias da comunidade de Queimadas para a permanência do sentimento de pertença dos membros da comunidade?

Sugestão de documentários e filmes sobre a temática

- **Filme: Filhas do Pó** (EUA, 1991) - O drama histórico dirigido por Julie Dash – o primeiro filme de uma cineasta negra a ser lançado comercialmente em seu país – mantém uma relação com a música, a natureza e as imagens mais próximas das origens africanas do que da apreciação comum nas Américas. A história, passada em 1902, se concentra na autoridade de mulheres negras e na oposição entre tradição e modernidade, ou ainda entre o paganismo africano e o monoteísmo cristão das Américas. Na pequena região de Ibo Landing, historicamente relevante por ter sido palco de um suicídio em massa de negros fugindo à escravidão, as anciãs defendem a cura por plantas e entretêm uma relação mística com fenômenos naturais, enquanto as mulheres mais jovens, que conheceram o sul dos Estados Unidos, defendem unicamente a fé em Cristo.

Sugestão de livros para ampliar os conhecimentos

- **Livro: Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 19.
- **Livro: A opinião e o Estereótipo.** Contexto. São Paulo. Contexto. São Paulo: HUCITEC, nº 2, março de 1979. p. 9 a 97.

3 A RESISTÊNCIA E A LIDERANÇA DAS MULHERES NEGRAS NO QUILOMBO DE QUEIMADAS EM CRATEÚS-CEARÁ

A discussão presente neste item tem como fundação destacar o papel das mulheres na existência e resistência da comunidade de Queimadas em Crateús – Ceará.

Nessa comunidade, as mulheres participam de todas as atividades desenvolvidas. Desde a criação dos filhos, ao exercício da lavoura, no plantio e na colheita de grãos, como milho e feijão, à criação de galinhas, bem como tem forte participação política e social nas decisões tomadas em assembleias, reuniões e no lavramento das atas redigidas com as decisões tomadas nas reuniões.

Entre os negros e negras de Queimadas, como são chamados por alguns moradores da localidade, as mulheres vão conduzindo sua identidade, tendo como parâmetro, não apenas a vida doméstica, mas a vida pública da comunidade. Coordenam o trabalho na esfera pública do Quilombo, e também para o ambiente externo à comunidade. São elas que saem à luta, para se reunirem com autoridades locais, estaduais e federais, no sentido de garantir acesso à saúde, à educação e as melhorias de infraestrutura para todos da comunidade.

A trajetória das mulheres negras de Queimadas sempre foi marcada por várias lutas, desde a dedicada à permanência na terra, até aquelas contra o preconceito racial, o machismo dos homens de fora da comunidade, como por exemplo, os fazendeiros locais, e ainda as pelas reivindicações por igualdade de direitos.

Desde o falecimento do Senhor Nenem Lourenço, ocorrido em 2008, um dos maiores líderes da comunidade, as mulheres assumiram a Associação Comunitária de Queimadas e são pioneiras no ativismo em defesa dos direitos sociais da comunidade. Nas palavras de Mikaele Lourenço, jovem liderança da comunidade, fica evidente o papel das mulheres quilombolas:

Quando vovô Lourenço morreu, as dificuldades foram imensas. Pois ao mesmo tempo que tínhamos que cuidar da produção de farinha, do galpão de galinhas, dos benefícios para comunidade via Secretaria de Agricultura do município de Crateús, ainda tínhamos que cuidar de defender o nosso espaço social, enquanto território quilombola dos fazendeiros da região que agora achavam que por não ter mais um líder homem, as mulheres iriam permitir que eles derrubassem a cerca que separa as propriedades do quilombo.

As mulheres vêm buscando conduzir a vida na comunidade de forma a resolver a contento as questões políticas e sociais que dizem respeito ao funcionamento da

comunidade com base na participação de todos feita através de reuniões mensais realizadas na sede comunitária do quilombo. Conforme o depoimento de Alessandra Lourenço, mulher negra de 35 anos, casada com um primo, também da família Lourenço e mãe de dois filhos:

Quando papai morreu, chegamos a conversar com nossos maridos sobre o fato de eles levarem adiante o trabalho desenvolvido por ele. Mas alguns homens da comunidade preferiram tomar de conta dos roçados, cuidar da colheita e da venda dos produtos produzidos. Foi nesse momento que nossa mãe sugeriu que além de cuidar da casa e da educação das crianças também deveríamos tomar a frente das questões políticas da comunidade. Ajudei minha mãe a criar meus irmãos. Fui cuidadora de criança dos outros e nunca vi diferença entre homem e mulher. Pelo contrário, vejo gente, pessoa, independente do gênero, vejo raça, braço forte e vontade de trabalhar. Basta querer. Mulher não é só pra criar filho e ficar no fogão. Ela tem e precisa correr atrás de espaço em toda parte.

A fala da líder comunitária quilombola demonstra a força da mulher negra de Queimadas. Considerada uma pessoa justa e honesta pela comunidade em relatos observados nas Atas das reuniões da comunidade, Alessandra destaca que é costume na comunidade as mulheres tomarem as decisões mais importantes, sempre partindo do princípio que é preciso respeitar as opiniões de todos.

Atualmente, a comunidade Quilombola de Queimadas tem seus direcionamentos vinculados a três mulheres, que são ao mesmo tempo, mães, esposas, líderes quilombolas e que saem da comunidade para enfrentar as lutas externas contra a desigualdade racial, o que, segundo elas, é uma luta inglória, pois é muito difícil romper as barreiras do preconceito e do racismo. Em sua fala, Michelle Lourenço uma das líderes dessa comunidade destaca:

Às vezes dá vontade de desistir de tudo. Mas eu penso na luta dos antepassados nossos, o que eles sofreram as ameaças, as mortes, pra defender nosso chão, aí eu quero honrar os ensinamentos do meu pai, Neném Lourenço. Ele sempre dizia que quando a gente tem razão, quando a gente só quer o que é nosso, não devemos ter medo. Temos que ser grandes gigantes nas nossas ações. Partir pra cima. Aí a luta continua.

Nas palavras da entrevistada, nem sempre é fácil ser líder em uma comunidade. O fator étnico é forte elemento de discriminação da mulher negra, que por isso tem reduzidas as chances e oportunidades na sociedade, tanto em comparação aos homens, como em relação às mulheres brancas. Esse fato é notório, principalmente quando se trata de mulheres que exercem funções de comando ou de liderança.

Segundo o site Agência Brasil, em publicação de 07/10/2020, as mulheres negras representam 27,8% da população brasileira, entretanto têm baixa representati-

vidade na política. Em ano de eleições municipais, dados divulgados pelo Movimento Mulheres Negras mostram que, em 2016, o número de eleitas, tanto para vereadoras quanto para prefeitas, não chegou a 5%. Tanto em número de candidatas quanto de eleitas, elas ficaram atrás de homens brancos, homens negros e de mulheres brancas nos dois cargos. Para as eleições de 2020, houve um pequeno aumento no número de candidatas negras tanto para vereadoras quanto para prefeitas.

No caso do Quilombo de Queimadas, a morte de um de seus maiores líderes, Senhor Nenem Lourenço, fez com que as mulheres da família dele se unissem a outras mulheres para tocar adiante a pauta de lutas e reivindicação do povo quilombola dessa localidade. São três mulheres de idades diferentes, que desde o ano de 2010, exercem as atribuições do quilombo, fazendo disso seus maiores desafios diante dos percalços sofridos pela comunidade.

A primeira delas, mais experiente, tem 36 anos de idade, casada, tem dois filhos, é filha do senhor Nenem Lourenço, cursou até o Ensino Médio em uma escola regular, é a atual presidente da Associação Comunitária de Queimadas. Seu nome é Alessandra Lourenço. De acordo com a própria, seu principal foco na vida é o bem da comunidade. Não desiste diante dos obstáculos e é obstinada em manter a defesa do seu povo, da sua etnia, se dedica, inclusive, a ajudar outras Associações de Trabalhadores Rurais a se organizarem em torno de seus direitos como trabalhadores.

A segunda mulher é Michelle Lourenço, de 35 anos, também casada, não tem filhos. Também concluiu o Ensino Médio em uma escola Regular. Não deu continuidade aos estudos, por que desde muito nova preferiu ajudar o seu pai, Nenem Lourenço, na defesa do território do povo remanescente. Michelle é comunicativa, se expressa muito bem. Sua função é estudar leis, portarias, decretos dos governos municipal, estadual e federal, no que diz respeito a interpretá-los e explicar isso tudo para o seu povo, nas reuniões e assembleias realizadas na comunidade. Michelle também é muito participativa nas escolas e universidades, dando palestras sobre o Movimento Quilombola, sobre etnia, raça, gênero, empoderamento feminino, feminismo e Movimentos do Campo.

A terceira mulher é Mikaelle Lourenço, neta do Senhor Nenem Lourenço, tem 22 anos, é solteira e secretária da Associação Quilombola de Queimadas. Laura as Atas, registra em cartório as decisões, participa de vários grupos de jovens, nos sertões de Crateús, também terminou o Ensino Médio recentemente. Sua meta principal de vida é a defesa do seu povo, do seu chão, da sua etnia. Sendo solteira, não quer casar logo. Sonha

com uma faculdade, talvez Pedagogia ou Letras. Mikaelle quer uma profissão que a ajude a desenvolver ações voltadas para a sua comunidade, ensinar e aprender com os mais velhos da comunidade, por isso quer ser professora.

As narrativas dessas mulheres, respectivamente, tias e sobrinha, permite-nos compreender o quilombo como lugar de luta, de resistência, bem como, o espaço onde se faz necessário, desde jovem, a inserção na luta pela defesa de seus territórios, suas identidades étnicas, rompendo preconceitos de gênero e de igualdade racial, frente o entendimento de que são elas que também percebem na família, a possibilidade de mobilizar os seus membros para o processo de socialização e rompimento dessas condições diferenciadas de gênero, preservando sua identidade étnica em meio a diversidade e a equidade de gênero.

Partilhar os conhecimentos, a luta e impressões sobre estas mulheres que estão conectadas por gênero, raça, etnia, memória e contexto social é um exercício relevante para compreender como se dá a reivindicação da igualdade de gênero, por estas mulheres que estão mobilizadas e organizadas para reivindicar direitos sociais para o seu povo.

Roteiro para confecção da aula de Sociologia

- **Objetivo da Aula:** Salientar para os alunos, as vivências e os desafios de mulheres negras, descendentes de quilombos, em defesa do seu povo e do seu espaço social, como protagonistas de sua história, resistência organização político-social.
- **Tempo Sugerido:** 2 aulas de 50 minutos cada. Uma para exposição e uma para apresentação das respostas dos alunos e abertura para o debate em sala de aula.
- **Tipo de Atividade:** expositiva. Apresentação das respostas dos alunos de forma oral e painel ilustrativo com fotos de mulheres negras da localidade e/ou que fizeram história na luta por conhecimento de gênero, cor, etnia e trajetória de vida.
- **Materiais Sugeridos:** quadro branco, pincel, giz, canetas, lápis, caderno, notebook, projetor de slides, cartolinas, fita gomada, dentre outros.
- **Metodologia:** ao falar de liderança feminina, sugere-se uma exposição com a história das mulheres quilombolas, além da apresentação de alguns depoimentos das mesmas. Pedir aos alunos para dividirem-se em grupos pequenos, a fim de obter uma

maior variedade de respostas. Também podem ser organizados na sala de aula, com gravuras, imagens ou fotos de mulheres do Quilombo ou de outras mulheres engajadas contra discriminação de gênero, raça, cor e pertencentes a movimentos sociais antirracistas.

- **Avaliação:** feitas a partir das falas, das participações na aula, através das discussões, das respostas dadas às perguntas e da motivação dos alunos em se engajar nas atividades propostas.

Sugestão de atividades / Exposição das citações e depoimentos

Ao finalizar a exposição sobre o papel e a importância das mulheres negras dentro do quilombo de Queimadas, é importante demonstrar aos alunos outros recortes e narrativas de mulheres negras, como Dandara, Esperança Garcia, dentre outras mulheres pretas que sempre lutaram e lutam contra os preconceitos de raça e de gênero.

Em seguida, indica-se a aplicação do questionário abaixo para conhecer a opinião dos alunos sobre essa temática. Peça as respostas em apresentação oral, para que todos possam conhecer as reflexões dos demais sobre a temática aqui tratada.

- 1- Além das mulheres quilombolas de Queimadas, que lutam pela defesa de sua comunidade, valores e etnia, você conhece outros exemplos de mulheres que lideram movimentos antirracistas. Descreva-as.
- 2- Dentre os depoimentos citados ao longo das exposições feitas, qual o que mais lhe chamou a atenção? Por quê?
- 3- Você concorda que as temáticas, gênero, diversidade, feminismo, antirracismo sejam temas abordados na escola? Por quê?

Sugestão de filmes e documentários sobre a temática

- **Documentário: Falas Femininas.** Brasil. Produção: Rede Globo de Televisão. A produção pesquisou a história e a trajetória de cinco mulheres. Cinco histórias de vida, com entrevistas e acompanhamento de suas vidas no cotidiano. Ruana, Carol, Cristi-

ane, Tina e Sebastiana. Durante um mês, a equipe do documentário, acompanhou suas rotinas, entrevistou amigos e parentes, com destaque para suas lutas pela sobrevivência. Parte do documentário foi gravado nos estúdios Globo, mediado pela atriz Fabiana Carla, que com as mulheres, também abordou a questão do matriarcado. Foi exibido na TV aberta em 08 de março de 2021.

- **Filme: Estados Unidos, Índia, Emirados Árabes Unidos, 2012.** Direção: Tate Taylor. Duração: 156 min. A produção trata da conscientização do valor social de mulheres negras numa sociedade extremamente racista. Trabalhadoras domésticas a serviço da elite branca local têm suas histórias narradas à jornalista, uma escritora branca que, ao dar voz às vítimas da opressão, evidencia a importância dessas mulheres na sociedade local.

Sugestão de livros para ampliar os conhecimentos.

- **Livro: Não basta não ser racista. Sejamos antirracistas.** Robin Diangelo. Tradução de Marcos Marcionilo – São Paulo: Faro Editorial, 2018.
- **Livro: Lugar de Fala.** Djamila Ribeiro. São Paulo. Suely Carneiro; Editora Jandaira 2020.
- **Livro: A Liberdade é uma Luta Constante.** Ângela Davis. Organização Frank Barar. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª edição. São Paulo: Boi tempo, 2018.

4 A ECONOMIA SERTANEJA: LUTA E RESISTÊNCIA NO QUILOMBO DE QUEIMADAS

Na perspectiva de assegurar a vida e a sua reprodução, por meio das relações sociais, das práticas culturais e econômicas, a terra se apresenta enquanto suporte dos bens materiais e do universo simbólico. Na percepção do domínio da natureza, especialmente do ecossistema ambiental, há dois marcos fundamentais de diferenciação espaço-temporal no universo memorial dos remanescentes de quilombo de Queimadas.

O período mais antigo na memória é referenciado pela “mata”. A presença da caatinga arbórea é referida ao próprio espaço habitacional mais inclusivo, onde foi apontado o exemplo que havia sido retiradas árvores denominadas aroeira (*Myracrodruas Grundeuva Fr. ALL*) para construir a casa grande, a igreja, a casa de farinha, a casa do chefe da fazenda e pequenas casas de taipa para alguns trabalhadores. Por outro lado, o desmatamento para a intensificação do cultivo agrícola e a escassez de chuvas são apontados pelos remanescentes de quilombolas como fatores que contribuíram para a diminuição da mata em alguns locais do território quilombola.

O território de Queimadas sempre viveu do plantio de cana-de-açúcar, nos tempos mais antigos relatados pelos remanescentes, bem como do plantio de mandioca, e no período invernos do plantio de milho e feijão. O desenvolvimento econômico é percebido pelas famílias quilombolas, numa linha temporal, sendo referidos como “cultivos antigos” e “cultivos de hoje em dia”.

As atividades agrícolas realizadas no “tempo antigo” quando a família Lourenço trabalhava em “regime de escravidão” deixaram seus resquícios. É possível ver, ainda pelo quilombo, todas as construções degradadas pelo tempo como objetos e artefatos de processamento de vegetais, como engenho, casas de farinha, fragmentos de utensílios, ainda podem ser vistos em Queimadas e na circunvizinhança nos distritos de Outro Lado, Marinho e Buritizinho.

Atualmente, as famílias que habitam Queimadas sobrevivem do plantio da mandioca em menor escala, e ainda permanece a cultura de seu processamento nas casas de farinha. Há o plantio do milho e do feijão nos períodos invernosos do Ceará. Há 23 anos foi construído um galpão onde são criadas galinhas. Parte da produção de ovos e frango é vendida para pessoas de outras localidades e de Crateús. Outra parte alimenta as pessoas da própria comunidade quilombola. É possível perceber ainda o plantio de

frutas como mamão, banana, goiaba, limão e coco. Algumas famílias cultivam o amendoim. Nos quintais pode-se observar os canteiros com hortaliças como: coentro, cebolinha, pimentão, tomate e plantas medicinais como: cidreira, endro, erva-doce, capim santo, dentre outras plantas que as pessoas mais antigas do quilombo chamam de “remédio do mato”.

No depoimento de Zacarias Gomes, esposo de Vó Munda, fica evidente, a importância de ter onde mora, parte do que precisa para sobreviver com os seus descendentes.

Aqui nós plantamos e colhemos. Criamos, vendemos e comemos do terreiro quando nós queremos. Tem o milho, a farinha, o feijão, o ovo, coentro e as ervas pra fazer chá e melado pra curar a tosse dos meninos. Não falta nada. Por isso que o homem grande, os donos de terras aqui perto, fica de olho nas coisas que a gente produz e dá não dá, estão botando nós na justiça, dizendo que vão ficar com o que é nosso e nós vamos perder tudo que construímos aqui.

No Quilombo de Queimadas há 95 casas, 1 barracão que é a Casa de farinha, 1 igreja católica, 1 escola, que foi construída pela prefeitura municipal de Crateús. Na escola, funciona a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I, no turno da manhã. No turno da tarde são 4 turmas de Ensino Fundamental II. À noite, três turmas de Ensino Médio. A extensão de matrícula pertence ao Colégio Estadual Regina Pacis, da Rede Estadual de Ensino em Crateús. Alguns professores, em torno de 18, residem em Queimadas e localidades circunvizinhas, sendo a Educação também uma fonte de renda da comunidade. A grande maioria dos docentes, no entanto, ainda reside em Crateús e vão todos os dias em transporte próprio ou fretado, trabalham em Queimadas e em outras escolas da Rede Municipal, próxima a essa localidade.

Há ainda as aposentadorias dos mais velhos, que são oriundas do INSS. Na comunidade há um posto de saúde, onde médicos e dentistas vão de Crateús, mas as técnicas e auxiliares de enfermagem, bem como os recepcionistas, moram na localidade.

Esse quadro econômico é bem típico de várias comunidades do interior do estado do Ceará. Contudo, o que torna Queimadas um tanto distinta, é o fato de que a sociedade do local, principalmente os quilombolas, ainda sobrevivem do cultivo da mandioca e do seu processamento, seguindo os moldes antigos, pois eles mesmos fazem questão de dizer que o que sabem, aprenderam com os seus antepassados. Principalmente no que tange à produção oriunda da mandioca.

Nesse processo de construção de suas vivências, a partir de suas memórias, é importante salientar que para essa comunidade quilombola os desafios de hoje, guar-

dam por vezes semelhanças com os desafios de ontem. Pois as questões fundiárias vez por outra ressurgem, com a mesma finalidade: tirar a terra que é o espaço de sobrevivência e de permanência dos quilombolas. Já que mesmo após a abolição legal da escravidão de seus antepassados ainda são ameaçados de perder o que lhe é mais sagrado: o espaço, o território, o lugar onde suas memórias, suas vivências foram construídas e que ao mesmo tempo é a garantia de sustento das novas gerações.

Hoje é possível perceber o temor de todos no Quilombo em relação ao medo de perder o pedaço de chão que lhes foi deixado como doação, pelos patrões, como forma de agradecimento aos serviços prestados. Os descendentes dos patrões perceberam a importância econômica dessa terra pelo grande roçado de mandioca que os quilombolas plantam, colhem e produzem alguns produtos derivados. E isso faz com que a luta seja incessante nesse quilombo. Por isso a preocupação em relação a permanecer na terra e incentivar a todos, jovens e adultos que não desocupem suas casas, construídas no local onde seus antepassados foram escravos.

No depoimento de Dona Maria José, hoje com 87 anos, uma das mais idosas do Quilombo de Queimadas, essa preocupação é visível.

Os políticos, os donos de terra, vêm aqui demais. Prometem que vão fazer as coisas pra nós, que se nós deixarmos eles querem consertar as cercas, melhorar nossas moradas, mas na verdade, eles querem é entrar aqui, se apossar do que nós temos. Prometem emprego para os nossos jovens, mas na verdade se nós acreditarmos, eles fazem é invadir nossa morada, levar nossa criação, nosso bicho e expulsar a gente daqui. Eu só saio da terra morta. E pode me enterrar aqui debaixo de um pé de pau.

Essa fala reflete a preocupação de uma das matriarcas do Quilombo de Queimadas em relação ao medo que a comunidade tem de permitir o acesso dos vizinhos fazendeiros, às terras quilombolas. É latente ainda a preocupação com as invasões e a posse de parte da terra que ficam nas imediações dos remanescentes. Grande parte dos trabalhadores rurais de Queimadas são agricultores que para sobreviverem, vendem sua força de trabalho para os fazendeiros, que possuem seus latifúndios no entorno do distrito. Esses mesmos trabalhadores descrevem para os seus pares a vontade de seus patrões em avançar a fronteira de suas terras, rumo ao Quilombo. Há uma relação conflitiva, constante, que infelizmente faz parte do cotidiano dos remanescentes.

Essas questões têm sido motivo de situações onde a comunidade necessita de uma rede de apoiadores, como por exemplo, o apoio jurídico do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Crateús. Todavia, pela intensidade das lutas, a comunidade de Queima-

das tem ganhado notoriedade estadual e nacional, fato esse que chega ao conhecimento das redes de rádios e televisão da região dos Sertões de Crateús, e com isso, o processo e as ações dos latifundiários também diminuem. Entretanto, é preciso destacar que a força política e a organização da comunidade, através de seus representantes, têm sido imprescindíveis, na defesa da terra – algo que para eles representa a sobrevivência da sua população.

Roteiro para confecção da aula de sociologia

- **Objetivo da Aula:** Identificar os principais conflitos e ameaças sofridas pela comunidade Quilombola de Queimadas, compreender que soluções são acionadas e quais são as articulações e parcerias construídas.
- **Tempo Sugerido:** 2 aulas de 50 minutos cada. Uma para exposição da temática, outra para a entrevista com o/os líder(es) quilombola(s), que deve ser feita pelos alunos, organizados em duplas ou em grupos, cada grupo com uma questão a ser indagada.
- **Tipo de Atividade:** aula expositiva. Em seguida a turma pode ser dividida em duplas, trios, ou grupos maiores, para realizar o convite ao líder quilombola. Cada grupo fica com uma das perguntas e dentro da sua questão vai puxando ramificações, de modo a extrair o máximo de narrativas do/a entrevistado.
- **Materiais Sugeridos:** para se desenvolver bem esse tema é importante o uso do notebook e do projetor de slides, também para facilitar a exibição do filme, do documentário. Também se faz necessário o pincel de quadro branco ou giz, caneta, caderno e lápis para as anotações.
- **Metodologia:** ao abordar a questão da terra e da luta por esta, pode-se abordar a importância do território para a permanência e a sobrevivência dessa comunidade no seu espaço social. Em seguida aplicar a entrevista como forma de conhecer, se inteirar e compreender como vivem os remanescentes, seus desafios e a luta para existir e resistir na terra.
- **Avaliação:** é importante valorizar a participação dos alunos como protagonistas, entrevistadores, narradores e apresentadores das respostas. Isso torna o aluno um co-autor no seu processo de aquisição do conhecimento.

Sugestão de atividades /Aula expositiva e entrevista com as lideranças políticas do Quilombo de Queimadas

Após a exposição, com base no texto, é importante convidar uma ou duas pessoas do Quilombo, que representam a comunidade nas reuniões da Associação Comunitária de Queimadas, ou nos Meios de Comunicação ou no Ministério Público da Cidade de Crateús, para ouvir as formas de Organização e Resistência da comunidade em defesa do seu território, como espaço de sobrevivência do seu povo.

Possíveis Perguntas da Entrevista:

- 1- Como é realizado hoje em dia, o plantio, a colheita e o processamento da mandioca, na comunidade de vocês?
- 2- A que fatores vocês atribuem os conflitos recorrentes dos fazendeiros com a comunidade de Queimadas?
- 3- Além da agricultura e da pecuária, a comunidade recebe auxílio financeiro dos governos estadual e/ou federal para o sustento das famílias na comunidade de Queimadas?
- 4- Quais as principais ameaças sofridas pelas pessoas da comunidade, especialmente aquelas que lideram os processos em defesa do território?

Sugestão de filmes e documentários sobre a temática

Filme: Cabra Marcado para Morrer: (Brasil - 1984). O filme dirigido por Eduardo Coutinho, retrata a morte de João Pedro Teixeira, líder da Liga Camponesa de Sapé, na Paraíba, e as consequências da perseguição política na vida das pessoas que estavam presentes nas primeiras filmagens e gravação do filme. Em novembro de 2015, o longa entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) como um dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos. Disponível no YouTube:

<https://www.youtube.com/watch?v=I1xsafXt9PI>

Filme: Chão: (Brasil 2019). O filme acompanha o dia a dia de uma ocupação do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) na Usina Santa Helena em Goiás. O documentário tem a direção de Camila Freitas, que com especial atenção acompanha a luta cotidiana dos sem-terra nos tribunais pela reforma agrária. A Fazenda Santa Helena, área da Usina Santa Helena, possui cerca de 18 mil hectares e acumula aproximadamente R\$ 1 bilhão em dívidas com a União. Cerca de quatro mil pessoas ocuparam a terra em 2015, o que culminou em uma perseguição aos sem-terras pelo juiz da Comarca de Santa Helena e pelo Ministério Público Estadual e na prisão de dois militantes por formação de organização criminosa. Disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=wOrW5M3kPHg>.

Sugestão de livros para ampliar os conhecimentos

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato Brasileiro**. Petrópolis, Editora Vozes, 1976.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para Libertar**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

5 AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS COM O TERRITÓRIO: OS NEGROS DE QUEIMADAS E A ABERTURA PARA OUTROS AGRUPAMENTOS.

O conceito de território emerge na medida em que se aplica a uma análise social que contemple o uso que se faz dele, seja econômico ou simbólico. “Nesse universo de interferência, os grupos sociais estabelecem uma comunicação permanente com o território usado, onde as coisas naturais e artificiais, a herança social e a sociedade em seu movimento atual, são os elementos fundamentais desta comunicação” (Santos, 2004, p. 22-26). As atribuições de significados ao espaço socialmente vivenciado ocorrem sejam nas práticas cotidianas, sejam na memória que se atualiza em referenciais patrimoniais - territoriais e nas relações sociais emergem nas narrativas sobre o passado dos remanescentes de quilombolas de Queimadas.

Instaura-se, nessa dimensão de vivência e evocações uma “memória longa” que, segundo Deleuze & Guatarri (2004, p. 26) envolve “família, raça, sociedade ou civilização” e desse modo, “decalca e traduz, mas o que ela traduz, continua a agir nela, à distância, o contratempo, intempestivamente, não instantaneamente”.

Assim, o reconhecimento e pertencimento territorial devido a acontecimentos que comunicam um passado remoto de fundação de Queimadas, referido nas expressões “no tempo dos antigos ou no tempo dos escravos”, são marcados por relações sociais de repressão e resistência que emergem nas figuras das famílias Lourenço e na família Costa, duas famílias que serviram os patrões, no tempo da escravidão.

Nas palavras do Senhor Zacarias Gomes:

Os mais velhos, como minha mãe, contavam que um dia saiu de casa para lavar roupas e demorou a fazer o serviço. Quando chegou na casa grande cortaram as pontas dos dedos dela e entregaram outra trouxa de roupa para ela lavar com as mãos cortadas no riacho da gameleira. Ela demorou muito, pois ficou agonizando embaixo de uma moita de mufumbo. Quando acharam ela, tomou uma surra.

Esta escrava e sua família têm a sua história marcada pela tortura, pois suas mãos foram cortadas, por causa da demora na lavagem de roupas da família da casa grande. Esse fato, faz do território conhecido como “Riacho da Gameleira”, que fica numa distância de dois quilômetros do povoado de Queimadas, um lugar onde as famílias Lourenço e Costa não gostam de rememorar, pois representa a memória da tortura de seus

antepassados na circunvizinhança do Quilombo. Ocorre aí uma identificação e compaixão dos trabalhadores, homens e mulheres, quando são evocadas essas lembranças.

Hoje, o cemitério da comunidade quilombola de Queimadas fica exatamente na divisa entre Riacho da Gameleira e Queimadas. Esse fato representa tristeza, tanto dos antigos, quanto dos novos habitantes de Queimadas. Foi um local escolhido pelos antigos senhores da Terra e quando esta passou a ser dos escravos, acharam melhor que seus mortos continuassem lá, entre as pedras e no pé da ladeira que liga a Cidade de Crateús ao município de Jatobá Medonho, já no estado do Piauí.

Pode-se perceber nesse contexto que as memórias estão bem intrínsecas ao território, considerado para os remanescentes de quilombolas, como sagrado, pois na terra eles vivem, morrem e sobrevivem através dos tempos, com suas histórias e suas memórias que atravessam as dimensões da memória individual e passam a fazer parte da memória coletiva, uma vez que, os mais antigos contam essas histórias para os mais novos. Daí sai o desejo de preservar o território dos seus antepassados e agora seu, por direito, de cuidar e permanecer nessa terra.

Nessa via da memória coletiva, de acordo com Anjos & Silva (2004, p. 54-55), “se instaura um processo de reinvenção da identidade étnica a partir de elementos que são considerados substanciais”. A convivência dos remanescentes de quilombolas e a interação com o território que ocupam nessa parte da localidade de Queimadas, demonstram o apego à terra, indicando uma territorialidade conseguida às custas de sofrimento, de opressão e de muita resistência dos seus antepassados à escravidão.

Vó Munda destaca em sua fala:

A casa era enorme. Nós seis cuidávamos da arrumação da casa. Da limpeza e da comida. Nós dormíamos na casa de farinha, um lado era dos homens e outro das mulheres. Mas todos trabalhavam para o patrão na casa grande. Pegava água no açude e até pescava. Meus pais me levavam pra ajudar nos serviços das panelas.

O depoimento de Dona Raimunda, ou “Vó Munda” como a chamam no Quilombo, materializa e demarca o horizonte cronológico do tempo dos escravos. Vó Munda lembrou em sua fala, trêmula e rouca que este período era do tempo de D. Pedro II, destacando que sua mãe e suas tias viviam na casa de farinha e que sempre se ajudavam no trabalho na casa grande da família Lopes.

Refletir e falar sobre a forma como sua família era tratada e como sua origem se fundou neste local, nos dá a dimensão dos significados para essa senhora de 100 anos

de idade, completados em dezembro de 2019, sobre as resistências quilombolas vivenciadas face a escravidão.

No quilombo, ainda é possível perceber os resquícios de casas de taipas, e algumas de alvenaria, onde moravam os “chefes da negrada”, como Vó Munda se refere:

Tudo que nós fazíamos era representado pelos homens do patrão. Até os trabalhos doméstico. Os trabalhos da roça, a gente nem fala. Os chefes da negrada, além de reparar os negros trabalhando, ainda açoitavam, mandavam caminhar ligeiro, com os pesos, os galões de água, os sacos de milho, feijão e outra coisa que a gente plantava. Era um tempo difícil. Por isso que hoje, a gente tem que lutar pela terra, esse chão já trouxe muito sofrimento para nós. Por isso, nós não podemos abandonar isso aqui. Tem que permanecer e aguentar. Pior do que era, eu acho que não pode ficar.

As falas nos fazem perceber a importância do lugar, da terra, para os remanescentes de Quilombo. As marcas do tempo, na memória, refletem que a identidade quilombola passa pela identificação racial negra e a experiência da escravidão. Um fato relevante a destacar aqui é que muitas das comunidades quilombolas se constituem como espaço interétnicos e interracialis. Porém, esse fato, não descaracteriza a identidade negra que é essencial, fundante para esses grupos e é ressaltada na forma como muitas lideranças expressam sua identidade e de suas comunidades, como percebemos no depoimento de Vó Munda, uma das mais antigas habitantes de Queimadas.

Nesse contexto, destacamos que a identidade negra nasce dessa experiência, de resistência e das lutas empreendidas no cotidiano desses povos para se manterem em seus territórios. Porque a identidade também é uma construção das relações sociais. Está ligada a um modo de ser no mundo e ser na relação com os outros. A identidade Quilombola também está relacionada à autodefinição, ao sentimento de pertencimento, através da cor, da raça, dos valores que unem a um determinado grupo social.

Em Queimadas, muitos habitantes não pertencem aos troncos familiares fundantes, ou seja, às famílias Costa ou à família Lourenço, mas se auto identificam como remanescentes de quilombolas. Vão chegando, vão ficando, trazem suas famílias, trabalham na terra. Interação com a luta e a partir da afirmação identitária passam a fazer parte do território. A partir do período que a pessoa se instala na comunidade sozinha ou com familiares ou se casa com membros do quilombo ela preenche um formulário, oriundo da Fundação Palmares, intitulado “Cadastro de Membros Quilombolas” e paga uma mensalidade de R\$10,00/por pessoa que serve de reserva financeira para a construção de casas e galpões na comunidade.

De acordo com Santos (2003, p.14) essas identidades através da auto-afirmação vêm se multiplicando no Brasil, a partir das últimas décadas do século XX e nesse início de século XXI. É o fruto das lutas de negros e quilombolas que sempre foi latente em nossa sociedade. Por vezes calada, sofrida, mas em outros momentos, se fez gritar, de forma expressiva, principalmente no interior dos agrupamentos de negros.

Portanto, reconhecer e afirmar a identidade negra e quilombola se situa como parte fundamental da luta contra a opressão, o racismo e a submissão desses povos ao longo da história do nosso país.

Roteiro para confecção da aula de sociologia

- **Objetivo da Aula:** produzir uma reflexão sobre a identidade quilombola, enquanto identidade negra, constituída de resistência e luta contra as lógicas excludentes das pessoas racistas, presentes na sociedade brasileira.
- **Tempo Sugerido:** 2 aulas de 50 minutos cada. Uma para exposição e uma para apresentação das respostas dos alunos e abertura para o debate.
- **Tipo de Atividade:** aula expositiva. Em seguida, divisão da turma em duplas ou trios ou a cargo do professor(a) para que os alunos respondam as questões propostas e apresentem uns para os outros.
- **Materiais Sugeridos:** quadro branco, pincel, giz, caneta, lápis, cadernos, dentre outros. Também notebook e projetor de imagens para projetar os filmes e documentários sobre a temática.
- **Metodologia:** ao falar de identidade, territorialidade, é sugerido uma exposição sobre a temática, com base na forma como as perspectivas de identidade e resistência se estabelecem entre os grupos sociais. Em seguida pedir aos alunos para responderem as questões e apresentar em sala, destacando suas opiniões sobre a temática.
- **Avaliação:** pode ser realizada a partir da participação dos alunos, das discussões e das opiniões dos mesmos após a apresentação das respostas apresentam.

Sugestão de atividade / Aula expositiva e discussão em grupo

Após a exposição sobre as Relações entre identidade e Território, pode-se dividir a sala em duplas ou trios para o aprofundamento das Questões Propostas. É interessante também pedir aos alunos para expressarem suas opiniões sobre as questões identitárias de sua comunidade, de seu lugar.

Questões Propostas

- 1- Descreva os aspectos principais, que são levados em conta para uma pessoa se reconhecer como pertencente ao povo Quilombola?
- 2- Qual a importância da identidade negra para a resistência e a luta dos remanescentes de Quilombos?
- 3- Por que a identidade quilombola passa também pela identidade negra?
- 4- Comente a relevância da afirmação da cultura negra, da organização social e dos costumes quilombolas para a permanência dos grupos de remanescentes em seus territórios?

Sugestão de filmes e documentários sobre a temática

Filme: Eu não sou o teu Negro (2016): I am not your Negro (Nome Oficial). O filme traz uma forte mensagem sobre a experiência moderna dos negros nos Estados Unidos. Traçando o caminho do início do movimento de direitos civis, com Malcolm X e Martin Luther King Jr., até o Black Lives Matter, a produção mostra como a segregação não perdeu a brutalidade e a luta se mantém necessária. Indicado ao Oscar, de melhor Documentário em 2017, é baseada nas obras e impressões do romancista e ativista James Baldwin, que nunca deixou de relatar como é ser negro no país.

Disponível no Prime Vídeo e no GloboPlay.

Filme: Falas Negras – Documentário Brasil (2020): conta com um elenco de 22 autores e atrizes brasileiros (as) com interpretação de falas de personalidades reais que lutam contra o racismo. Foi produzido pela Rede Globo de televisão e apresentado na semana da Consciência Negra do ano 2020. Com direção do ator Lázaro Ramos, idealizado

pela escritora Manuela Dias, os depoimentos descrevem histórias sobre liberdade, justiça, segregação racial e intolerância de gênero e étnica.

Disponível no Globoplay.

Sugestão de livros para ampliar os conhecimentos

FIGUEIREDO, André Videira de. **O caminho Quilombola**: Sociologia Jurídica do Reconhecimento Étnico. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2011.

SOUZA, Bárbara Oliveira (2016). Aquilombar-se: Panorama sobre o Movimento Quilombola Brasileiro. In: LEITE, Ilca Boaventura. **O legado do testamento**: a comunidade de Casca em perícia. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis; 2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As garantias de direitos para a população quilombola, hoje em dia no Brasil, se apresentam como tema relevante e objeto privilegiado para a Sociologia, não apenas pelo seu impacto no que tange a garantia de direitos para os setores subalternizados de nossa sociedade, mas também pelos entraves à sua real efetivação.

Tomando como base o fator memória, o convívio com as lembranças, estamos nesse trabalho trazendo os vários acontecimentos sociais, desde sua fundação passando pela identificação, seus problemas, a luta do seu povo, a sobrevivência e a questão identitária do Quilombo de Queimadas, destacando a recordação como parte da memória coletiva de quem vive nessa comunidade. Para tanto realizamos entrevistas nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, quando ouvimos as narrativas de jovens, adultos e quatro idosos acima de 65 anos do quilombo.

A proposta da Cartilha é juntamente fazer o registro de todas essas narrativas em um material didático que possa subsidiar os professores de sociologia do Ensino Médio, mas que ao mesmo tempo, possa representar a construção das vivências, das experiências de vida dessa comunidade quilombola que representa a resistência e a luta do povo negro em defesa da sua identidade étnica, bem como a sobrevivência na terra.

A escolha pelos relatos orais como modo de obter informações, parte da argumentação forjada por Souza (2016, p. 25) de que “as estratégias narrativas e discursivas dos agentes sociais e das organizações quilombolas, a partir de diferentes formas e linguagens, estão presentes nas mobilizações pela afirmação dos direitos dessas comunidades”. Destaca-se ainda a importância de se preservar a memória e a história de um povo que tanto contribuiu para a formação econômica e social de nossa sociedade, mas que até hoje, luta por reconhecimento da questão identitária e sua permanência como base da cultura e dos valores que permeiam os modos de vida de quem busca o reconhecimento étnico.

Outro aspecto relevante refere-se à contribuição que o ensino de sociologia tem para a discussão de temas relativos à memória e às identidades das comunidades, além de suas lutas por reconhecimento. Através de diversos aportes teóricos, a sociologia e as ciências sociais permitem aos jovens de comunidades como estas, refletirem sobre a constituição de suas identidades étnicas e a relação de suas comunidades com o contexto social, político e econômico em que se desenvolveram e estão até hoje envoltas.

Ressaltamos que a Cartilha, com seus textos, reflexões e depoimentos de membros remanescentes quilombolas, não tem a intenção de esgotar esse tema, tão pertinente, ao que vivenciamos atualmente no Brasil, sobre as questões de racismo e luta antirracista, reconhecimento étnico e questões identitárias, mas de trazer à tona, mais informações, relatos e narrativas que incrementam as aulas e as discussões acerca dessas temáticas.

Nesse contexto, faz-se necessário destacar que as aulas de Sociologia serão o espaço do debate, da convergência e divergência de opiniões, mas também espaço para troca de saberes e experiências advindas tanto de memória individual, quanto da memória coletiva de pessoas que até hoje, lutam pela defesa de seu legado como construtores da base social do povo brasileiro – os negros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luíz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BOND, Letycia. Negras são 28 % dos brasileiros, mas têm baixa participação política. **Agência Brasil**. Brasília, 07 de out. de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/eleicoes-2020/noticia/2020-10/negras-sao-28-dos-brasileiros-mas-tem-baixa-participacao-politica>. Acesso em: 25 out. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOSI, Ecléa. **A Opinião e o Estereótipo**. Contexto. São Paulo: HUCITEC, n. 2, março 1979. p. 9 a 97.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Ministério da Educação e Cultural – MEC, 1996.

BRASIL. **Leis 10.639/2003 e Lei 11.645/2008**. Ministério da Educação e Cultura – MEC.

DAVIS, Angela. **A Liberdade é uma Luta Constante**. Organização: Frank Barar. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

DIANGELO, Robin. **Não Basta não ser Racista**. Sejamos Antirracistas. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

FIGUEIREDO, André Videira de. **O caminho Quilombola: Sociologia Jurídica do Reconhecimento Étnico**. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2011.

FUNES, Eurípedes Antônio (1992). Negros no Ceará. In: Souza, Simone de (Org.) **Uma Nova História do Ceará**. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza, 2000 (p. 103 a 132).

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certidão de Auto – Reconhecimento de Remanescentes da Comunidade do Quilombo Queimadas nº 6 de março de 2004**, publicado no Diário Oficial da União n. 43, de 04 de março de 2004, Seção I, folhas 07.

MARTIM, Aurineide Carvalho; SALES, Maria Ivane. **Resgate Histórico: de Piranhas à Crateús**. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 1995.

RIBEIRO, DJAMILA. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

RIBEIRO, DJAMILA. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato Brasileiro**. Petrópolis, Editora Vozes, 1976.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para Liberdade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA, Bárbara Oliveira (2011). Aquilombar-se: Panorama sobre o Movimento Quilombola Brasileiro. In: LEITE, Ilca Boaventura. **O legado do testamento: a Comunidade de Casca em perícia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis; 2004.